

A narrativa mítica: uma abordagem comunicacional

Paulo Emílio de Paiva Bonillo Fernandes

*Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Comunicação na Contemporaneidade, na Faculdade Cásper Líbero.
E-mail: pauloemiliofernandes@outlook.com*

A proposta deste artigo é abordar o mito enquanto fenômeno pertinente aos estudos de comunicação. Faremos algumas considerações a respeito dos objetos e teorias da comunicação, a fim de compreendermos como o estudo da narrativa mítica se inscreve nesse campo de estudos. Tal abordagem requer que se encontrem intersecções entre a ciência da comunicação e a ciência da cultura. Encontramos embasamento teórico em algumas proposições do semioticista Ivan Bystrina, da teoria dos meios de Pross e da antropologia do imaginário de Durand para situar a mitologia como genuíno fenômeno comunicacional.

Palavras-chave: comunicação; cultura; mitologia; imaginário.

The mythical narrative: a communicational approach

This article approaches myth from the communication studies perspective. To do so, we'll pass through some remarks about the subjects and theories of communication to understand how the study of mythical narrative can be relevant to this field of research. This enterprise requires us to find intersections between the science of communication and the science of culture. Some notions from the Semiotics of Culture – specially from Ivan Bystrina –, from Harry Pross's theory of media and Gilbert Durand's anthropology of imaginary will help us see mythology as a genuine communication phenomena.

Key-words: communication; culture; mythology; imaginary.

La narrativa mítica: un abordaje comunicacional

Este artículo aborda el mito mientras fenómeno pertinente a los estudios comunicacionales. Para tanto, haremos algunas consideraciones acerca de sus objetos y teorías, de modo a comprender como el estudio de la narrativa mítica es importante para la Comunicación. Veremos que tal abordaje requiere que se encuentre intersecciones entre la ciencia de la comunicación e a de la cultura. Veremos algunas proposiciones del semioticista Ivan Bystrina –, de la teoría de los medios de Pross y de la antropología del imaginario de Durand para situar la mitología como genuino fenómeno comunicacional.

Palabras-clave: comunicación; cultura; mitología; imaginario

Comunicação: objetos e perspectivas

Os estudos de comunicação, ao menos como os entendemos em sua fase moderna, buscaram legitimar-se tomando emprestadas das ciências naturais e exatas, há muito já consolidadas, ferramentas conceituais e metodológicas. É possível notar, logo no início do livro “História das teorias da comunicação”, uma tentativa do século XIX de aproximação entre uma sociologia que se ocupava de fenômenos comunicacionais, a física e também a biologia. Um pequeno indício desse fato é a predileção dos pesquisadores de então por termos como “fisiologia social” (páginas 16 e 17) e “física social” (páginas 19 e 22). Armand e Michèle Mattelart chegam mesmo a dizer que “No fim do século XIX, o modelo de biologização do social se transformou em senso comum para caracterizar os sistemas de comunicação como agentes de desenvolvimento e civilização” (2012, p. 21, grifos nossos).

Claro que os Mattelart se referem, nesse trecho, à visão, então em voga, orgânica da sociedade e da divisão social do trabalho; porém não nos interessa aqui discutir os pormenores desse contexto histórico ou realizar uma historiografia das raízes disciplinares da Comunicação. Com a citação anterior, pretendíamos salientar: (1) a proximidade entre os métodos das ciências naturais e humanas e (2) o destaque dado, já no século XIX, aos “sistemas de comunicação”. As motivações e problemas de pesquisa certamente eram outros – a Revolução Industrial, e todos os avanços técnicos que daí advieram, favoreciam as discussões acerca do desenvolvimento tecnológico e da superioridade da civilização Ocidental, etc. –, contudo a questão dos meios ainda constitui tema sempre presente nas discussões epistemológicas do campo da Comunicação, das quais destacamos aquelas sobre a demarcação dos seus objetos. Como disciplina recente que é, a Comunicação encontra ainda problemas para chegar a um consenso a respeito daquilo com que deveria se ocupar e qual deveria ser sua fundamentação teórica incontestada.

Frente a uma enorme profusão de sistemas teóricos e uma crescente carência de sistematização desse conhecimento – que Luiz C. Martino (2001) denuncia com muita lucidez e repertório –, algumas posturas epistemológicas surgem e, com elas, a tentativa de circunscrever o campo e os objetos da Comunicação, a fim de conferir-lhe maior credibilidade científica. Por isso destacamos os “sistemas”, ou meios, de comunicação, frequentemente propostos como saída para a indefinição do campo. Erick Felinto, em artigo publicado em 2002, no qual trata dessa mesma problemática, refere-se ao tema da abertura do IX Encontro da Compós, em 2000: “A constituição do campo da comunicação: desafios e tendências”. O autor escreve que, nesse período, “... a questão do objeto da disciplina parece ter retornado com força total” (2002, p. 20). Diante da situação, Felinto diz que ela:

talvez possa ser resumida ou simplificada no choque entre um conceito, menos acabado e mais aberto, sobre o que é a comunicação e outro, bastante mais limitado que parece tomar a noção de meios de comunicação de massa como elemento caracterizador essencial dos fenômenos comunicacionais. (idem).

Ambas as posturas, se tomadas de forma algo extremada, são criticadas por Martino em seu artigo citado há pouco. Os que defendem uma abertura conceitual ampla combatem certo reducionismo do campo da comunicação; o problema dessa postura, segundo Martino, é supor que “... o ecletismo, a superposição de campos e a somatória de todos os assuntos tocantes à comunicação humana (e mesmo extra-humana) fossem a única ou a melhor via para pensar a natureza do saber comunicacional” (2001, p. 8). Ainda que ele próprio deixe claro ao longo do texto não ser a favor da redução do campo da comunicação ao estudo dos meios de comunicação de massa ou das mídias, suas observações alertam para o fato de que defender a vastidão e amplitude dos fenômenos comunicacionais, bem como a multiplicidade dos referenciais teóricos que deveriam nos auxiliar na investigação desses fenômenos, tendo sempre em vista a pertinência ao que Martino chama de “saber comunicacional”, não é tarefa a ser feita de ombros leves, irresponsavelmente.

Cientes da inexistência de “uma epistemologia dominante” e de “um acordo sobre os limites do campo da comunicação” (Felinto, 2002, p. 23), e cientes também dos riscos que corremos ao adotar tal postura – e, além disso, de que não podemos sequer, com este artigo, dar grandes contribuições à discussão sobre o estatuto da Comunicação enquanto saber científico –, diremos que não se pode negar à Comunicação seu caráter transdisciplinar e que isso se apresenta como problema, não no sentido de afirmar a impossibilidade de se considerar a Comunicação campo sólido de investigação científica, mas, sim, no sentido de suscitar novas maneiras de pensar o labor científico. Concordaremos com Felinto quando diz: “Se fosse possível falar em uma epistemologia ‘pós-moderna’, seu principal traço seria o rompimento das fronteiras disciplinares e o esfumaçamento das noções de objeto e campo” (2002, p. 24). Desse modo, talvez seja mesmo infrutífera a tentativa de isolar a Comunicação como área independente e altamente diferenciada de outras disciplinas das ciências humanas, procurando objetos estritamente comunicacionais (se é que isso é possível). A investigação e consequente compreensão das tecnologias e dos fenômenos de comunicação devem somar-se ao entendimento dos processos de desenvolvimento da cultura. Uma das possíveis abordagens para se pensar a área e seus possíveis objetos, procurando escapar ao reducionismo e também à abrangência excessiva, é pensar nas intersecções entre a ciência da comunicação e a ciência da cultura, como propõe Menezes (2002).

Entretanto, se há um termo tão ou mais problemático quanto “comunicação”, esse termo é “cultura”. Somos obrigados a concordar mais uma vez com

Felinto (2002, p. 23): “Um dos problemas que cabe enfrentar é a dificuldade de separar comunicação e cultura”. Porém, lembramos a relação, destacada no início do texto, entre o que viria a ser os fundamentos de uma ciência da comunicação e sua aproximação com as ciências naturais. Decerto que não se pode desprezar tal movimento, entretanto outras abordagens são possíveis e talvez sejam mesmo mais adequadas para que se reflita sobre outros aspectos dos fenômenos que chamamos comunicacionais. Uma dessas abordagens pode ser derivada de outro comentário de Felinto: “Umberto Eco chega a afirmar que todo ato cultural é um ato de comunicação” (2002, p. 23). Compreender a eficácia das mídias junto ao público, ou a maneira como o público seleciona e se relaciona com o conteúdo que consome, ou as particularidades linguísticas de cada meio, todas essas perspectivas são válidas no estudo da comunicação. Mas Umberto Eco intui uma alternativa, e para desenvolvê-la é preciso investigar o que é cultura.

Cultura, corpo e imaginário

Nesse sentido, a semiótica russa, ou semiótica da cultura, vertente da Semiótica Geral, oferece um arcabouço teórico indispensável, visto que “cultura” já foi tratada por diferentes autores, de diferentes escolas de pensamento e diferentes disciplinas, com especificidades variantes. Ivan Bystrina, que se inscreve na semiótica da cultura, dará muita atenção aos elementos fundantes da cultura, ou seja, o que ele procura descrever não são as minúcias das diferentes manifestações culturais humanas, tão diversas quanto os povos, mas as condições universais a partir das quais tais manifestações emergem. “A existência de estruturas universais invariáveis em todas as culturas provavelmente é a primeira questão que se coloca na Semiótica da Cultura” (Bystrina, 1990a, p. 1). O primeiro aspecto que destacamos dos textos de Bystrina é o olhar holístico que ele tem do ser humano - quer dizer, não há uma separação rígida entre uma suposta esfera “natural” e outra “espiritual” ou “mental”, uma das quais seria alçada à condição de superioridade; isso fica evidente nos conceitos de “primeira realidade” e “segunda realidade”. A primeira realidade seria a esfera biológica da existência humana, enquanto a segunda realidade seria a esfera das produções humanas, do que Bystrina chama “textos culturais”, resumidamente, “complexos de signos com sentido” (Menezes, 2007, p. 31), ou seja, ações realizadas com a intenção de comunicar. O importante é dizer que não há como precisar onde uma termina e outra começa: “A cultura surge como uma segunda realidade já inscrita na primeira (física)” (Bystrina, 1995, p.3). Dito isso, uma questão logo se coloca: como se opera tal sobreposição?

Ora, Bystrina propõe que a cultura tem raízes, antes de qualquer coisa, biológicas. Estamos próximos de outra consideração de Menezes (2004, p.28): “Na tentativa de buscar as raízes dos processos de comunicação, analisamos inicial-

mente a importância da mídia primária ...” A mídia primária, na teoria das mídias de Harry Pross, é, em essência, o corpo, visto como ponto de origem e destino de todo ato de comunicação humana. O corpo, portanto, apresenta-se como possível ponto de partida para se pensar o processo de formação da cultura em sua relação com os atos de comunicação. A complementaridade entre cultura e natureza, diálogo que acontece na materialidade do corpo, é destacada por Bystrina ao estudar os fundamentos da cultura, por Harry Pross ao estudar a interação entre o que ele chama de mídias na comunicação, e também pelo antropólogo iniciador da Teoria Geral do Imaginário, Gilbert Durand, que vê o corpo como pedra angular para o surgimento da cultura.

A resposta àquela pergunta sobre como as duas realidades se sobrepõem está, portanto, na participação do corpo na criação dos textos culturais. Temos assim a cultura embrenhada na natureza, o corpo como primeiro criador e portador de mensagens e significados e, por fim, buscaremos ver a mitologia como um desses complexos significativos. Tendo isso em mente, notaremos que os trabalhos de Bystrina e de Durand se complementam, pois se, como sugere aquele, “Ela [a segunda realidade] se constrói a partir daquele material da primeira realidade que sofre reestruturações modificadoras” (Bystrina, 1990b, p.5-6, grifo nosso), não é senão pela ação do Imaginário que essa reestruturação ocorre. Tal processo se esclarece quando observamos aquilo que Durand chamou de trajeto antropológico, essa “incessante troca que existe em nível do imaginário entre as pulsões subjetivas e assimiladoras e as intimações objetivas que emanam do meio cósmico e social” (Durand, 2012, p. 41). Em uma de suas descrições mais acessíveis do Imaginário – já que uma discussão mais minuciosa custaria um espaço de que não dispomos –, Durand o identifica com a capacidade intelectual de deformar – ou, para usar as palavras de Bystrina, reestruturar – os estímulos que nos ferem os sentidos e então representá-los com diferentes finalidades em diferentes níveis de correspondência aos estímulos primeiros - os tipos de texto cultural que Bystrina classifica de acordo com suas finalidades. São três: os textos instrumentais, os textos racionais e os textos criativos e imaginativos (Menezes, 2007, p.31). É importante dizer que o imaginário de que fala Durand não é apenas a capacidade de criar fábulas e histórias fantásticas de toda sorte. É, antes e além disso, o processo pelo qual se tornam inteligíveis os fenômenos a que somos expostos.

Entendendo os estudos da comunicação como estudos também dos processos culturais, interessa-nos abordar os textos de tipo criativo e imaginativo. Essa forma de reestruturar a natureza, a primeira realidade, inclui no seu inventário de realizações, o mito, o pensamento mítico. E, na perspectiva em que nos colocamos ao longo do texto, a mitologia não pode ser vista como expressão inferior da cultura. Ela é, isso sim, uma das mais “primitivas”. Porém esse vocábulo cria para nós um problema, devido a uma formatação positivista e historicista – fru-

to, inclusive, dos nossos muitos textos culturais, dos instrumentais, dos criativos e mesmo dos racionais – do nosso olhar sobre o mundo identifica radicalmente uma ponta da história (a do passado) com o atraso, a bestialidade, e outra ponta com um verdadeiro tempo áureo vindouro de progresso e civilização. Outros olhos podem ver a situação de maneira menos engessada, com as inconstâncias próprias da criatura humana. No caso dos mitos, sua contemporaneidade com os momentos primevos da cultura sugere que sejam fenômeno intrínseco ao homem, entendido em sua dimensão biopsíquica.

A questão encontra respaldo na obra de vários autores que observaram o mesmo fato, no qual estamos insistindo: as próprias leis naturais impulsionam o engendramento da cultura, que acaba por compor as narrativas míticas: “Através de uma representação incomum e surpreendente, através da transformação, da invenção e da deformação, os homens tentam chegar a uma superação daquilo que os atemoriza” (Bystrina, 1990a, p. 6). “Com seus símbolos sagrados o homem exorciza o medo e constrói diques contra o caos” (Alves, 2010, p. 26). “O objetivo da comunicação humana é nos fazer esquecer esse contexto insignificante em que nos encontramos – completamente sozinhos e ‘incomunicáveis’ –, ou seja, é nos fazer esquecer esse mundo em que ocupamos uma cela solitária e em que somos condenados à morte – o mundo da ‘natureza” (Flusser, 2007, p. 90). “Os túmulos dos homens de Neandertal nos revelam cinco aspectos importantes do mito. Primeiro, ele se baseia sempre na experiência da morte e no medo da extinção.” (Armstrong, 2005, p.9). Estamos considerando aquilo que Bystrina chama de condições “subculturais ou pré-culturais” (1990b, p.5). Claro que a morte, destacada pelos autores aqui citados, não é a única variável dentre tais condições pré-culturais; outras poderiam ser citadas, como as mudanças de hábito de nossos ancestrais, que se seguiram à mudanças climáticas, fisiológicas, etc., contempladas por Norval Baitello no livro “O pensamento sentado: sobre glúteos, cadeiras e imagens”, por exemplo. Porém, dentre esses fatores que levaram o homem a gradativamente organizar essa segunda realidade, a consciência da morte parece ter papel de destaque.

Diante dessas situações, nas quais se deram o desenvolvimento fisiológico e psíquico do homem e que o estimulavam a rearranjar o universo, Bystrina dirá que o sonho é a primeira forma de texto criativo imaginativo produzido pela psique humana (Bystrina, 1990a, p. 1). As relações entre o sonho e o mito já estão bastante disseminadas em virtude do trabalho de Jung, Campbell, e Von Franz, portanto não é necessário alongarmos o assunto. O intuito é apenas explicitar a relação sonho/mito ligada às atividades fundantes da cultura. Revela-se a centralidade do pensamento mítico no desenvolvimento da atividade humana e, conseqüentemente, em seus atos comunicativos, em suas mensagens. O desenvolvimento dos textos racionais, científicos, não suplantou, nem suplantará essa

chave do pensamento, mas coexistirá com ela. Disciplinas como a antropologia e a ciência da religião tomam com muita propriedade o assunto para si, porém a Comunicação também deve investigar os mitos para contribuir no avanço do entendimento do homem, pois eles constituem boa parte daquilo sobre o que tratam nossas representações e nossos atos comunicativos.

Considerações finais

Este artigo não tem pretensões de apontar soluções para os problemas epistemológicos do campo da Comunicação, nem tampouco inaugurar novos temas de pesquisa. A presença de motivos e símbolos míticos nas práticas da mídia, do jornalismo à dramaturgia, do parentesco entre a razão mítica e o pensamento poético, já contam com extensa bibliografia. Podemos citar nomes de autores que são referência, por exemplo, Malena Segura Contrera, Juremir Machado, Erick Felinto, Ana Taís Martins Portanova Barros, Florence Dravet, Thaís Montenegro Chinellato. Quando muito, este artigo se presta a reforçar a importância das investigações mitológicas empreendidas por pesquisadores da comunicação. Não há como eleger, dentre aqueles tipos de texto classificados por Bystrina, um que fosse superior aos outros em qualquer aspecto. Basta ver os estudos que evidenciam a presença de símbolos e estruturas narrativas próprias aos mitos na mídia contemporânea. Os aparelhos técnicos, fruto do desenvolvimento mais recente da racionalidade, dos textos racionais, servem de suporte às articulações dos impulsos biopsíquicos, que se fazem legíveis por aquelas experiências primeiras como o sonho, o jogo e outras atividades das quais Bystrina trata em seus escritos.

O pensamento mítico interessa aos comunicólogos por perder-se no tempo, junto aos primeiros lampejos da organização cultural, e também por persistirem em nossa contemporaneidade. É preciso notar sua persistência, identificar seus padrões, entender a atuação e relevância dos símbolos míticos nos muitos períodos da história da cultura. Enfim, dado o parentesco das ciências da Comunicação com as ciências da cultura, compete perfeitamente àquelas estudar as produções míticas, que se encontram entre os atos de comunicação mais primeiros e característicos da inteligência humana.

Referências

- ALVES, R. **O que é religião**. 11ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2010.
- ARMSTRONG, K. **Breve história do mito**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- BAITELLO Jr., N. **O pensamento sentado: sobre glúteos, cadeiras e imagens**. São Leopoldo: Unisinos, 2012.
- BYSTRINA, I. (1990a) **Cultura e devoração: as raízes da cultura e a questão do**

realismo e do não realismo dos textos culturais. Disponível em: <<http://www.cisc.org.br/portal/index.php/en/biblioteca/finish/21-bystrina-ivan/66-cultura-e-devoracao.html>>. Acesso em 27 dez. 2014.

_____. (1990b) **Semiótica da cultura**: alguns conceitos semióticos e suas fontes. Disponível em <<http://www.cisc.org.br/portal/index.php/en/biblioteca/finish/21-bystrina-ivan/65-alguns-conceitos-semioticos-e-suas-fontes.html>>. Acesso em 26 dez. 2014

_____. (1995) **Inconsciente e cultura**. Disponível em: <<http://www.cisc.org.br/portal/index.php/en/biblioteca/finish/21-bystrina-ivan/67-inconsciente-e-cultura.html>>. Acesso em 26 dez. 2014.

DURAND, G. **As estruturas antropológicas do imaginário: introdução à arquetipologia geral**. 4ª ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.

FELINTO, E. (2002) Patologias no sistema da comunicação, ou o que fazer quando o objeto desaparece. **Communicare**, São Paulo, v. 2, n. 2, p.19-26, 2º sem. 2002. Disponível em <<http://casperlibero.edu.br/wp-content/uploads/2014/07/Patologias-no-sistema-da-comunica%C3%A7%C3%A3o.pdf>>. Acesso em 15 dez. 2014.

FLUSSER, V. **O mundo codificado**: por uma filosofia do design e da comunicação. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

MARTINO, L. C. (2001) Cepticismo e inteligibilidade do pensamento comunicacional. **Ciberlegenda**, Rio de Janeiro, n. 5, edição especial, p.1-14, 2001. Disponível em <<http://www.uff.br/ciberlegenda/ojs/index.php/revista/article/view/313/194>>. Acesso em 6 jan. 2015.

MATTELART, A. & M. **História das teorias da comunicação**. 15ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2008.

MENEZES, J. E. de O. Comunicação como ciência da cultura: os meios como espaços de construção de sentidos. **Communicare**, São Paulo, v.2, n.1, p.47-58, 1º sem. 2002. Disponível em: <<http://casperlibero.edu.br/wp-content/uploads/2014/07/Comunica%C3%A7%C3%A3o-como-ci%C3%Aancia-da-cultura.pdf>>. Acesso em: 5 jan. 2015.

_____. (2004) Processos de mediação: da mídia primária à mídia terciária. **Communicare**, São Paulo, v.4, n.1, p.27-40, 1º sem. 2004. Disponível em <<http://casperlibero.edu.br/wp-content/uploads/2014/07/Processos-de-media%C3%A7%C3%A3o.pdf>>. Acesso em 20 dez. 2014.

_____. **Rádio e cidade**: vínculos sonoros. São Paulo: Annablume, 2007.



Resenha